



## A EDUCAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO reflexões numa perspectiva cidadã

Tarcisio Dorn de Oliveira <sup>1</sup>  
Carina Copatti <sup>2</sup>  
Helena Copetti Callai <sup>3</sup>

**Resumo:** As transformações contemporâneas que envolvem a sociedade nos instigam a novos debates no sentido de propor algumas reflexões sobre a educação como processo importante na constituição dos sujeitos e para a sua formação cidadã. A educação pode ser o caminho para desenvolver ações que propiciem aos estudantes uma formação que os tornem mais reflexivos e conscientes, para pensar sobre como ocorrem as dinâmicas no espaço que os rodeia, compreendendo sua responsabilidade pelo mundo e pelas mudanças que se fazem necessárias. A presente investigação teórica intenta abordar questões relacionadas à educação como parte do processo de constituição dos seres humanos e, nesse sentido, essencial para que se construam as bases para atuar socialmente, de modo cidadão.

**Palavras-chave:** Educação. Sujeito. Cidadania.

## EDUCATION IN THE CONSTITUTION OF THE SUBJECT reflections in a citizen perspective

**Abstract:** The contemporary transformations that involve the society instigate to us new debates in the direction to propose some reflections on the education like important process in the constitution of the subjects and for their citizen formation. Education can be the way to develop actions that provide students with training that will make them more reflective and aware, to think about how the dynamics occur in the space around them, understanding their responsibility for the world and the changes that are needed. The present theoretical research tries to address issues related to education as part of the process of constitution of human beings and, in this sense, essential for building the bases to act socially, in a citizen way.

**Keywords:** Education. Subject. Citizenship.

## INTRODUÇÃO

Consideramos que a linguagem constitui *locus* de construção do sujeito, em um processo de constantes e contínuas trocas com o outro e com o espaço onde este sujeito

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ. Mestre em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Docente dos Cursos de Engenharia Civil e Arquitetura e Urbanismo da UNIJUÍ. Líder do Grupo de Pesquisa Espaço Construído, Sustentabilidade e Tecnologias - GTEC (DCEENG/UNIJUÍ). E-mail: [tarcisio\\_dorn@hotmail.com](mailto:tarcisio_dorn@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação nas Ciências pela Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ (2016). Mestra em Educação pela Universidade de Passo Fundo (2014). E-mail: [c.copatti@hotmail.com](mailto:c.copatti@hotmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo. Docente do Departamento de Humanidades e Educação da UNIJUÍ, Pesquisadora CNPq Nível 1D. E-mail: [copetti.callai@gmail.com](mailto:copetti.callai@gmail.com)



vive e atua. Para tanto a questão central parte da perspectiva de refletir sobre que papel a educação exerce na formação dos sujeitos e na sua constituição cidadã. A educação formal constitui suporte essencial para que se construam as bases para atuar socialmente. Embora essa afirmação possa ser questionada, consideramos que, por meio da educação formal, é possível construir uma série de elementos que auxiliam no desenvolvimento do sujeito e que fora da escola, muitas vezes, não acontece.

Por muito tempo, a educação formal, baseada numa concepção positivista de ensino, concebia o aluno como uma “folha em branco”, um aprendiz passivo das ideias repassadas pelo professor. A linguagem, no contexto da educação formal, servia para a “transmissão” de conteúdos, sendo o professor o detentor do conhecimento. Esse modelo de ensino e de aprendizagem continua presente atualmente na escola, e são poucas, ainda, as realidades em que se realiza um movimento dialógico com o aluno, em que se concebe o aluno como parte essencial na construção do conhecimento, como sujeito capaz de estabelecer diálogo, que precisa ser ouvido nesse processo. Esse movimento requer abertura ao aluno para que participe, e a este cabe um movimento de interação maior, de modo ativo, conectado com a aula.

No decorrer deste artigo, de cunho teórico, tecem-se algumas inferências no sentido de pensar sobre como nos constituímos pela linguagem e como essa linguagem se faz necessária nos processos dialógicos que se constroem no processo educativo, na formação dos sujeitos e na constituição de sua cidadania. Pretende-se, no decorrer do texto, articular algumas reflexões tendo como fio condutor o papel da educação no processo de construção dos sujeitos, que se efetiva por meio da linguagem.

### **A INSERÇÃO SOCIAL DO SUJEITO: reflexões sobre interação humana por meio da linguagem**

A linguagem não apenas serve para a intercomunicação entre os seres humanos, ela também realiza os seres humanos enquanto falantes, como sujeitos que imprimem significado ao mundo (MARQUES, 2003, p.47). Foi exatamente por adotar padrões de interação com o meio e com os demais já não determinados instintivamente que a espécie humana se constituiu em espécie cultural e social, ou seja, passou a ter um mundo (BOUFLEUER, 2012). Ao interagir sobre e no mundo, o ser humano passa a



exercer sua influência e transformar este espaço, de maneira cada vez mais dinâmica e intensa.

Ao mesmo tempo em que o ser humano age no espaço por ele habitado, tem a possibilidade de pensar sobre isso, de analisar as diferentes estratégias que podem lhe ser mais adequadas, as consequências, os pormenores que envolvem suas ações e interações. No entanto, essa consciência não é levada em conta por todos os sujeitos. Será que, mesmo quando temos essa consciência, utilizamo-nos de fato de todas as potencialidades que existem sobre ela? Nos últimos anos, muito tem avançado no conhecimento (ou na informação) sobre diferentes modos de agir socialmente, tanto em relação a outros sujeitos, quanto em se tratando da ação no espaço ocupado/habitado. Estes avanços, possíveis principalmente pelo desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, permitem maior interação e trocas entre sujeitos que vivem em lugares por vezes distantes e estão constituídos por diferentes fatores históricos e culturais.

As trocas, tanto materiais como imateriais, considerando-se os “fixos e fluxos”, podem constituir meios de se pensar as relações que se tecem no mundo da vida. A partir dessa compreensão, pode-se levar em conta, também, espaços distantes, visto que somos capazes de, por meio da linguagem, que nos constitui enquanto seres humanos capazes de se comunicar, expressar sobre o e no mundo.

Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam (SANTOS, 1982, p. 53; SANTOS, 1988, pp. 75-85).

As transformações visíveis no espaço são possíveis atualmente pela capacidade humana de ir além da sua perspectiva inicial, incorporando novos elementos e complexificando suas habilidades e capacidades. Esse movimento se construiu de modo diferente em cada grupo distribuído geograficamente no espaço, ainda, contendo elementos que se moldaram à cultura, ao contexto histórico e às necessidades que surgem ou que são criadas ao longo do tempo.



A linguagem, como elemento próprio à espécie humana, se traduz em diferentes idiomas, gírias, dialetos, que por vezes sucumbem no processo de globalização e aculturação que é imposto, em diversas situações, de modo silencioso, às minorias. No entanto, mesmo com as alterações pelas quais as diferentes culturas passam, a linguagem, de qualquer forma, continua sendo elemento essencial ao desenvolvimento humano em sociedade.

Poder falar significa poder tornar visível pela sua fala, algo ausente, de tal modo que também um outro possa vê-lo. O homem pode comunicar tudo o que pensa. E mais: É somente pela capacidade de se comunicar que unicamente os homens podem pensar o comum, isto é, conceitos comuns e sobretudo aqueles conceitos comuns, pelos quais se torna possível a convivência humana sem assassinatos e homicídios, na forma de uma vida social, de uma constituição política, de uma convivência social articulada na divisão do trabalho. Isso tudo está contido no simples enunciado: o homem é um ser vivo dotado de linguagem (GADAMER, 2002, p.173-174).

A linguagem é o meio pelo qual a interação acontece, favorecendo a comunicação. Enquanto seres humanos imersos na linguagem: “só podemos pensar dentro de uma linguagem e é justamente o fato de que nosso pensamento habita a linguagem que constitui o enigma profundo que a linguagem propõe ao pensar” (GADAMER, 2002, p.176). Essa linguagem, que se constitui, possui traços individuais, mas estes se constroem a partir do grupo, das características do grupo em que esse sujeito está inserido. Entretanto, muitas das reflexões e de possíveis avanços no entendimento dessa inserção que se efetiva pela linguagem, pela imersão social, torna-se possível pela abertura ao diálogo, para a consciência de viver em um contexto marcado por fatores sociais e culturais.

“A linguagem humana permitiu, em comparação com o genético, um novo mecanismo de transmissão e, assim, de acumulação da aprendizagem de uma geração para a outra, a transmissão cultural e histórica” (TUGENDHAT, 2007, p. 191). Este é um dos motivos que nos torna diferentes das outras espécies animais, pela capacidade de modificar, pensar sobre o nosso pensar, de estabelecer reflexões a partir de elementos possíveis pelo pensamento, este que “permanece dentro da tradição, do histórico” (TUGENDHAT, 2007, p.194). No processo de refletir sobre o nosso pensar e nossas condições enquanto sujeitos inseridos no mundo, o autor explica que:



[...] A reflexão sobre o nosso entendimento inclui a reflexão sobre meu próprio entendimento de uma maneira essencial: cada um de nós sabe apenas o que “nós” entendemos por ser, ação, etc... Quando se dá conta daquilo que ele entende: nosso entendimento é essencialmente um entendimento compartilhado, e “compartilhado” não significa simplesmente “igual” (TUGENDHAT, 2007, p.186).

A reflexividade crítica requer o estabelecimento de um parâmetro a partir do qual se torne possível alguma consideração acerca do mundo. Ao longo da tradição do pensamento filosófico, essa foi a questão que esteve no centro das preocupações, ao se pensar sobre que parâmetro adotar para sugerir revisões ou fazer projeções sobre o mundo que constituímos como espécie (BOUFLEUER, 2012). Verifica-se, assim, que a capacidade de reflexão se constitui pela interação e ação do ser no mundo, por meio da linguagem.

Uma postura crítica e reflexiva pode estabelecer movimentos em que diferentes sujeitos interagem e estabelecem processos dialógicos. Nesse sentido, numa concepção pós-metafísica, compreendemos a condição humana enquanto imersa no movimento do mundo, este que possui força própria e que se transforma pelas intenções que as sociedades humanas criam, ou originando-se de suas transformações contínuas.

No processo da vida o ser humano pode tomar novos rumos, redefinir rotas, tendo a condição de recordar o passado e imaginar o futuro. Em certa altura da história, passamos a criar novos padrões de interação e assumimos comportamentos desviantes da condição puramente biológica. Desse modo, abrimo-nos para novas perspectivas, com novos sentidos que se constroem sempre que pensamos e atuamos no mundo.

Nesse movimento, além de fazer escolhas, o ser humano pode projetar expectativas para o futuro. Nesse viés, compreende-se a educação como um processo de aprimoramento da capacidade humana de pensar, refletir, argumentar e compreender a realidade. Esse processo não se efetiva de modo individualizado, é sempre um processo social, articulado, envolve interação, visto que, quando aprendemos, isso sempre se constrói sobre algo e requer o uso de nossas habilidades, que se construíram no movimento do mundo, na evolução humana no campo da linguagem.

Pela linguagem recebemos informações e nos constituímos como seres humanos que pensam e interferem no espaço em que habitam. Nesse processo, a educação



constitui meio para potencializar a leitura do espaço, para compreender o mundo e as relações entre os seres, inseridos histórica e culturalmente em sociedade.

Essa inserção social ocorre desde a infância e precisa ser aprimorada durante toda a vida. Já ao nascer, a criança necessita se inserir na cultura humana para a sua sobrevivência, e sobretudo para a aprendizagem, no intuito de que se constitua em suas dimensões indissociáveis de ser humano genérico, de indivíduo aculturado e de sujeito singularizado (MARQUES, 2003). Desse modo, pode-se afirmar que a linguagem tornou possível aos seres humanos, durante todo o processo de evolução, construir as mais diversas possibilidades de viver no mundo.

Isso posto, consideramos que a educação formal tende a ser um processo significativo na constituição dessa consciência no sujeito visto que, ao interagir socialmente num espaço de trocas, aprendizagens e reflexão dialógica, tende a pensar, questionar, refletir sobre situações cotidianas que ocorrem no lugar de vivência e também em outros lugares, envolvendo diferentes povos, culturas, espaços, auxiliando-os a construírem-se como cidadãos.

Se considerarmos que só nos constituímos humanos na relação com os outros e que nada existe antes ou sem a comunicação intersubjetiva (TUGENDHAT, 2007), alçamo-nos sempre ao nível do simbólico, no qual estamos imersos e que nos articula. “Desde o princípio, existe uma dinâmica que leva do subjetivo ao mais e mais objetivo, e isso significa que o âmbito universal é algo que antecipamos desde o princípio” (TUGENDHAT, 2007, p.187). Esse processo se constitui pela tradição.

Há um acúmulo de conhecimentos que a sociedade estruturou no decorrer da sua evolução, possível por meio da tradição, que se construiu pela capacidade de comunicação entre os sujeitos, ou seja, pelo desenvolvimento da linguagem. Nesse movimento foram gradativamente moldadas as possibilidades de viver, criando códigos, tecendo relações, definindo costumes mais específicos a determinadas culturas, constituindo modos de agir e interagir próprios, ao passo que, por vezes, assemelham-se a outros, em várias ocasiões, muito distantes geograficamente. A manutenção destes elementos deu condições para que grande parte disso se mantivesse, embora, na atualidade, muito do que se considera a partir da tradição tenha se transformado pelas transformações que têm ocorrido principalmente pela intensificação do processo de globalização.



De tal maneira, criam-se diversas formas de relação que moldam possíveis caminhos a serem adotados pelo grupo. Tais caminhos são sempre (re)organizados, trazendo a possibilidade de mudanças ou prosseguimentos. O que se mantém da tradição nos orienta, constitui a força que nos dá certa direção para seguir. Nesse sentido, os sujeitos têm, no decorrer da vida, a possibilidade de atuar de forma ativa, construindo sua própria autoria, possível pela interação com outros sujeitos. Portanto, a linguagem é meio de relação, aproximação, embate, diálogo, divergência entre sujeitos que se constroem continuamente numa perspectiva sempre inacabada; por isso, mesmo considerando elementos da tradição que compôs a humanidade, como seres “pensantes”, temos a possibilidade de modificar a realidade, trilhando um novo percurso.

É importante que, no processo de construir consciência por meio da educação formal, estabeleça-se contato com culturas e costumes diversos. A troca de experiências, as pesquisas que envolvem decisões, modos de pensar, modos de agir diferentes demandam uma interpretação que vai muito além de emitir juízos sobre. No contexto da educação formal, isso constitui elemento significativo para dialogar com outros grupos e compreender a diversidade que constitui o mundo. Essas relações tornam possível um movimento de descoberta, de conhecimento e de reconhecimento da transmissão de culturas através do tempo.

As culturas constituem um conjunto de atividades que são próprias de determinados lugares e que tem significação para o grupo. A tradição, nesse sentido, expressa-se como elemento que garante a continuidade do grupo. No entanto, não se mantém como um processo linear, fixo, imutável, mas transforma-se no contexto espaço-temporal de cada época, a partir de um conjunto de situações que operam sobre o grupo, o espaço e suas interações.

Ao tomar a perspectiva de que o ser humano age conscientemente no espaço em que atua, considera-se que este pode criar condições favoráveis para agir em interação com o ambiente; mas pode, por outro lado, intensificar os danos e problemas decorrentes do uso intenso dos recursos da natureza.

Na contemporaneidade, período em que as relações humanas ocorrem de modo mais flexível e as transformações são mais rápidas, é preciso adotar uma postura reflexiva sobre as condições que se apresentam. Isso porque a recepção passiva, sem



questionamentos, não permite confrontar a realidade que nos chega do mundo e do outro, com a própria percepção que temos/fazemos em relação aos demais.

Portanto, nosso desafio, nesse processo, é pensar a continuidade de nossas ações pela linguagem, que compreende um conjunto de significações e de interações possíveis na relação com outros sujeitos em sociedade. Esse é um processo nunca acabado, que se constrói e reconstrói continuamente e que permite, no contexto educacional, tecer reflexões, trazer à consciência dos estudantes essas condições, de que somos responsáveis pelas diversas situações (ações/interações/conflitos), que ocorrem nas mais diversas sociedades e, também, entre elas.

## **A EDUCAÇÃO FORMAL COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA**

A subjetividade humana emerge como elemento na aprendizagem a partir da realidade vivida, das relações que o estudante constrói em sociedade e com o espaço ocupado. Considera também as interpretações desse sujeito a partir de suas análises e construções possíveis pela participação em sociedade. É a partir da interação em sociedade, nas relações em sala de aula, nas inquietações e nas ideias trocadas que nos humanizamos e adquirimos a capacidade de nos relacionar e modificar a realidade.

Esse movimento dá sentido à construção da cidadania pelo estudante, visto que esse processo não se efetiva somente pelos direitos que adquire e dos deveres que são próprios à vida em sociedade. A cidadania compreende o sentido da coletividade, das relações que precisam ser construídas a fim de tornar a convivência social adequada a todos. Envolve pensar a consciência de ser, de estar e de fazer parte da sociedade de modo que todos deveriam ter as mesmas condições de acesso, de voz e de vez.

Na abordagem comunitária da cidadania, a cidadania implica a participação social e o serviço comunitário para o bem geral. Esta concepção funda-se na noção que ser cidadão significa pertencer a uma comunidade histórica. A individualidade de cada cidadão é construída e desenvolvida em termos dessa comunidade cultural e ética. Nesta concepção, a forma de manter a ordem e a coesão social implica a participação de todas as pessoas da comunidade num conjunto de atividades comunitárias de cidadania, com base numa perspectiva social e moral comum. Deste modo, para exercer a cidadania é fundamental assumir responsabilidade por problemas e assuntos que afectam outros cidadãos e manter as tradições que unem



os indivíduos e os fazem sentir mais apoiados e inseridos [...] (ARAÚJO, 2008, p.76).

A produção de significados para a construção da cidadania, no processo educativo, perpassa pela atuação social dos sujeitos envolvidos na aprendizagem. Tratar de cidadania na escola envolve abordar questões da prática e vivenciar estas experiências na realidade da vida cotidiana. Enquanto parte desse processo, o professor precisa levar em conta sua condição de mediador para repensar práticas, concepções, e estabelecer espaços de construção dessas compreensões com o aluno. Desse modo, criam-se condições para constantemente reavaliar o processo, para aceitar ou refutar ideias, conforme os avanços obtidos no processo educativo.

Os aprendizados resultam em conhecimentos que acabam produzindo um mundo humano, onde se constitui de padrões, sempre abertos e passíveis de modificação. É pela capacidade transformadora e criadora que o homem constitui-se como ser de cultura capaz de realizar intervenções no meio em que vive e modificar a paisagem natural pelo acrescentamento de características novas a ela (FENSTERSEIFER E BOUFLEUER, 2016). Pela capacidade transformadora, considera-se que os sujeitos podem também agir socialmente e contribuir para a construção da cidadania.

No século XXI, dentre mudanças e rupturas, a educação continua a ser um meio de transformação social. Cumpre à educação a responsabilidade de mostrar às novas gerações o caminho já percorrido pelas gerações anteriores e inseri-las no que constitui o legado histórico e cultural da humanidade, em que a criatividade e a inventividade se fazem presentes em cada ato de aprendizagem, fazendo com que a constituição de cada sujeito se dê em perspectiva de continuidade e de renovação (FENSTERSEIFER E BOUFLEUER, 2016).

Para isso, a educação precisa ser encarada como um processo, ou seja, os valores não nascem com as pessoas, não são predeterminados geneticamente e nem são internalizados de fora para dentro. Assim, caso a escola deseje formar eticamente crianças e jovens, é preciso entender que uma ideia torna-se um valor para alguém quando se projetam sentimentos positivos sobre essa ideia; conseqüentemente, os sentimentos positivos projetados despertam a disposição de repetir os comportamentos desejáveis, não como um hábito mecânico, mas como algo que se aprende e que, além



disso, instiga a reflexão sobre as motivações que são apresentadas pelas emoções e razões (ARANTES, ARAÚJO E PUIG, 2007).

Esse processo de educar se inicia em situações informais, e é por meio da linguagem que se realiza a formação do sujeito. Nesse sentido, Fensterseifer e Boufleuer (2016) percebem a linguagem como acontecimento humano primeiro, no qual, ao longo da tradição do pensamento, incumbem à linguagem determinadas funções, entendendo-a como capaz de transmitir ou de expressar algo do mundo humano que se acreditava existir antes dela. Ainda, os autores reforçam a correspondência entre a linguagem e o ser, pois resulta na concepção daquela como instrumento, capaz de designar as coisas, separando-as umas das outras, haja visto que as palavras constituem um instrumento de ensino que se descreve, compara e estabelece diferenças, sempre na perspectiva de que possa ser uma expressão da estrutura ontológica da realidade.

Tais práticas como o trabalho, a sociabilidade e a cultura se desenvolvem somente pela capacidade humana de pensar, de discernir sentimentos, sensações, desejos e sonhos. Tais capacidades, ao serem expressas na continuidade da educação, podem contribuir para desenvolver um olhar para si e para o outro, concebendo a construção da sociedade como um movimento de todos, um processo de cidadania, cooperação, inserção e visibilidade de todos os sujeitos.

O ser humano precisa aprender tudo ao nascer e ao constituir-se social e culturalmente. E é através da educação que os seres humanos vão se formando, ao interagir com o mundo à sua volta e com seus semelhantes. A escola, nesse processo, propicia ao educando a vivência do que ele chama de “genteidade”. O homem vai descobrindo e assumindo sua complexidade através do entrelaçamento do individual com o social, histórico e cultural, por meio de sonhos, angústias, ideias, necessidades, crenças, desejos, afetividades, projetos, medos e esperanças (HENZ, 2010). Assim, a escola constitui espaço de formação, mas que precisa ser considerada numa dimensão de transformação/recriação constante. É essencial, portanto, que ela potencialize nos alunos a capacidade de compreender e atuar no mundo em que vivem, propiciando uma formação adequada para que possam atuar como cidadãos, organizando-se e defendendo seus interesses e da coletividade (FICAGNA E ORTH, 2010).

Mas o que significa atuar como cidadão no mundo? Ser cidadão vai além da aquisição de direitos e deveres, de sentir-se apto a votar e exercer sua cidadania na



escolha de representantes. A cidadania envolve, dentre outros elementos, a consciência de ser parte de uma sociedade em que as escolhas, principalmente no que se refere à luta pelas melhorias, pelo bem comum, abrange, de fato, a participação de todos pensando no bem comum. Isso requer que esteja claro o papel de cada sujeito nesse processo, o que demanda reconhecimento das desigualdades e uma postura ética e engajada no intuito de fortalecer o coletivo, promovendo, cada vez mais, ações que convirjam para a participação coletiva.

A educação, como processo pedagógico sistematizado de intervenção na dinâmica da vida social, é considerada hoje objeto de estudos com vistas à definição de estratégias para o desenvolvimento integral das sociedades, sendo entendida como mediação básica da vida social de todas as comunidades humanas (SEVERINO, 2000). Por isso, é tida um processo essencial para a formação dos sujeitos, de modo a compreender-se como parte do movimento de construção do mundo, das condições de vivência e sobrevivência, e não numa concepção de que o mundo está dado.

A linguagem humana permite, em comparação com o genético, um novo mecanismo de transmissão e, assim, de acumulação da aprendizagem de uma geração para a outra, exigindo o processo de pensamento de nossas condições enquanto sujeitos (TUGENDHAT, 2007). O autor explica que a reflexão sobre o nosso entendimento inclui a reflexão do entendimento de uma maneira essencial, em que cada um sabe apenas o que “nós” entendemos por ser, e, quando se dá conta daquilo que ele entende, é essencialmente um entendimento compartilhado, no qual “compartilhado” não significa simplesmente “igual”.

A consciência social dos seres humanos vai se compondo e decompondo do nascimento até a morte, com mudanças mesmo pequenas, mas contínuas, em que a realidade se transforma através da história. Essa condição de cidadão envolve-se através do apelo para participar da vida social (HENZ, 2010). Nessa perspectiva, a educação não poderá mais ser vista como processo mecânico de desenvolvimento de potencialidades, deverá ser vista necessariamente como um processo de construção, ou seja, uma prática mediante a qual os sujeitos vão se construindo ao longo do tempo (SEVERINO, 2010).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



A participação social dos sujeitos é de fato possível por meio de um processo educativo que nos permite lapidar nossas concepções, construir novas visões sobre o mundo, sobre a sociedade, sobre suas instituições e, assim, agir socialmente de modo comprometido, de maneira, de fato, cidadã. Ser humano e linguagem se constituíram paralelamente e em movimento sempre contínuo, em um processo que se diferencia histórica e culturalmente de acordo com diferentes ambientes e culturas. Isso porque, considerando elementos do espaço em que o grupo habita, a interação que acontece nele e os elementos disponíveis servem de modo diverso à sua interação.

A consciência de estar imerso no mundo social, em interação com o outro, passível de divergências de ideias, disputas, convergências, dentre outras situações, expõe-nos à compreensão de que somos parte desse processo, inseridos como sujeitos ativos e que precisam tomar posição, defender ideias sem desconsiderar o direito do outro também fazer escolhas e tomar seu ponto de vista. Nesse movimento, a interação pela linguagem, seja ela verbal ou não verbal (por meio de sinais, símbolos, etc.) é fundamental.

As situações simbólicas que o ser humano cria pela sua capacidade de pensar, agir e posicionar-se no mundo como agente transformador, permitem que se ofereçam condições de analisar as diferentes relações que envolvem a vida em sociedade, o trabalho, as decisões. Fazer escolhas, interagir com outros sujeitos, agir de determinada forma, de acordo com a situação e, pouco a pouco, durante o seu desenvolvimento como pessoa, por meio da tradição, estabelecer parâmetros culturais, simbólicos, que lhe deem significação para a vida.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Valéria A. (org); ARAÚJO, Ulisses Ferreira; PUIG, Josep Maria. **Educação e valores: Pontos e Contrapontos**. São Paulo: Summus, 2007.

ARAÚJO, Sónia Elvira Fernandes de Almeida. **Contributos para uma educação para a cidadania: professores e alunos em contexto intercultural**. (Teses: 17). Lisboa, 2008.

BOUFLEUER, José Pedro. Mundo comum e formação crítica em perspectiva pós-metafísica. **IV SENAFE-UFSM**: Santa Maria, 2012.



FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; BOUFLEUER, José Pedro. **O delineamento de uma perspectiva pós-metafísica para a educação**. 11 ago. 2016, 24 nov. 2016. Notas de Aula.

FICAGNA, Marisa Fracalossi; ORTH, Miguel Alfredo. Educação para um novo cidadão: construindo possibilidades ou relações entre a teoria e a prática. In: ANDREOLA, Balduino Antonio et al. (orgs.). **Formação de educadores: da itinerância das universidades à escola itinerante**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010. p. 246-262.

GADAMER, Hans-George. **Verdade e Método II: complementos e índice**. [tradução de Enio Paulo Giachini]. Petrópolis, RJ: Vozes, Bragança Paulista, SP: Ed. Univ. São Francisco. 2002.

HENZ, Celso Ilgo. Dialogando sobre cinco dimensões para (re)humanizar a educação. In: ANDREOLA, Balduino Antonio et al. (orgs.). **Formação de educadores: da itinerância das universidades à escola itinerante**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010. p. 49-62.

MARQUES, Mário Osório. **Botar a boca no mundo**. Ijuí: editora Unijuí. 2003.

SEVERINO, Antônio J. **Educação, Trabalho e Cidadania: a educação brasileira e o desafio da formação humana no atual cenário histórico**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 2, n. 14, p.65-71, fev. 2000.

TUGENDHAT, Ernst. Antropologia como filosofia primeira. In: POMMER, Arnildo; FRAGA, Paulo D; SCHNEIDER, Paulo R. (orgs.). **Filosofia e crítica: Festschrift dos 50 anos do Curso de Filosofia da Unijuí**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.